



# IDADE D'OURO

## DO BRAZIL.

Sexta feira 30 de Abril de 1813:

Fallai em tudo verdades

A quem em tudo as deveis.

Sã e Miranda.

*Extracto da Gazeta de Stokolmo em 9 de Janeiro de 1813:*

**T**emos de certo, que os Russos entrarão em Memel a 27 de Dezembro, e em Königsberg a 3 de Janeiro. Os Officiaes Francezes confessão de plano, que depois do encontro, que tiverão em Kouno com os Cosacos, todos ficarão dispersos. O povo de Berlin resiste denodadamente aos Francezes: os paisanos recusão formalmente marchar com a bagagem dos Officiaes, e sem havido tumultuosas rixas nas ruas entre os Soldados Francezes e a população Prussiana. Em Hessa, e na Westphalia tem havido grandes tumultos, e clamores contra Jeronimo Bonaparte.

Os habitantes de Königsberg receberão os Russos com grande demonstração de alegria: o mesmo fizerão os habitantes de Memel; e os habitantes de Berlin os esperão com muito alvoroço.

*Extracto do Times sobre a abolição do Commercio entre a Inglaterra e a França por via das licenças.*

Nossas relações Commerciaes com a França, e com todos os paizes da sua dependencia põem todo o nosso Commercio á descrição do Governo Francez. As licenças só são úteis para o Commercio Francez, e por via dellas nós somos seus auxiliares. Quasi todos os navios empregados nesta navegação são Francezes com equipagem Franceza; e cujas licenças Imperiaes se restringem aos Nacionaes da França. As condições destas licenças Imperiaes são: que se exportarão da França em navio Francez artigos de manufacturas, ou de produções da França, e que se importarão no mesmo navio materiaes brutos, e artigos da primeira necessidade. Estas condições tem por objecto favorecer os artistas, e cultivadores da França; e fazer mal aos nossos; estabelecendo huma especie de balança Commercial, augmentando as rendas da França, melhorando seus recursos commerciaes; no entanto que estas condições são quasi nulas para os nossos Commerciaes; e só servem para que a navegação Franceza va criando huma escola pratica de marinheiros. Estas condições arruinão nossas manufacturas, e finanças attendida a necessidade, em que estamos de tirar certos artigos da França, dos quaes nós prohibimos a importação, e que só entrão em nossos portos por contrabando. Estes artigos dão huma superioridade decidida ás manufacturas

*Francezas* pela importação dos materiais brutos, dos quaes huma grande parte são effeitos militares, ou cousas uteis á guerra como couros &c. Nós vemos, que o Déspota *Francez* foi o primeiro, que prohibio o Commercio em o nosso paiz; e foi igualmente o primeiro, que adoçou com as licenças o rigor da prohibição; o que só podia ser effeito de grande necessidade, e interesse para elle. A subtileza *Franceza* tem privado o nosso Commercio de quasi toda a vantagem reciproca; e os beneficios Commerciaes, e politicos tem sido inteiramente para os *Francezes*. A urgente precisão de encher os cofres vazios foi o unico motivo, que obrigou o Tyranno amoderar o systema prohibitivo: logo as licenças lhe são de grande interesse. A *França* presentemente está tão pobre, que não lhe he possível fazer huma nova campanha contra a *Russia* ou a *Peninsula*; e suspendendo nós as suas relações Commerciaes, a privaremos dos unicos recursos extraordinarios, de que ella póde lançar mão. Entre as numerosas vantagens, que o inimigo póde tirar do systema das licenças, he o contrabando sobre as costas da *França*, o qual nunca foi mais activo, que agora. Além de que a *Inglaterra* importou da *França* em hum anno hum milhão *Sterlingem* seda sem hum *Shelling* de contra exportação. Ora estas sedas atravessando a *França* deixarão de venda 16 soldos por libra, pagos por nós, que somos os consumidores, entretanto, que estas sedas podião ser importadas de *Malta* em navios *Britanicos*.

Compararemos os beneficios deste paiz em hum Commercio livre com os Estados do Norte, e com as desvantagens do nosso Commercio com a *França*. Os portos do Norte offerecem mercados ás nossas manufacturas, e para isto nós empregamos os nossos proprios navios. Nosso Commercio com o Norte, e o Mediterraneo augmentaria porque os paizes, que estão em costume de se aprovisionarem com a *França*, hirião aos mercados do Norte, e Meio dia, o que lhes daria hum poderoso motivo de se libertarem do systema continental: a *Austria*, e os *Estados vizinhos* se aprovisionarião por *S. Petersburgo*, e *Salonica*. Façamos pois á *França* huma guerra de Commercio; e os *Inglezes* não duvidarão sacrificar ao bem público seus interesses particulares, submetendo-se a pequenas privações, que hão de causar a suspensão do nosso Commercio com a *França*, sabendo, que estas restricções momentaneas contribuem sobre ponto para o grande objecto, que temos em vista. O nosso Commercio está de tal sorte ligado com a nossa politica, que esta materia deve ser considerada como huma questão de Estado. O sordido interesse dos individuos não se deve oppôr aos interesses politicos, e Nacionais: a Providencia queira inspirar ao nosso Gabinete as medidas mais proprias para manterem a todo o custo a nossa gloria, e a nossa liberdade.

*Extracto do Morning Chronicle sobre o mesmo assumpto.*

O Commercio, que o nosso paiz faz com a *França* por meio das licenças dá huma grande extracção aos nossos generos coloniaes; e a suspensão deste trafico he absolutamente impraticavel porque além de ser huma violação da fé pública, he huma defeção parcial do nosso Commercio.

Não façamos reviver a doutrina de *M. Spence*, o qual dizia, que a *Inglaterra* podia prescindir de todo o Commercio exterior. Nem se diga, que os lucros deste Commercio dão a *Bonaparte* meios de continuar a guerra em o Norte, e o Meio dia da *Europa*, pois que tres lucros são mui meos quinhos para serem considerados como parte da riqueza, e da força da *França*.

Esta pequena guerra, que nosso paiz intenta fazer contra as finanças de

*Napoleão* me parece pueril, e miseravel; e pouco digna de ser tomada em consideração pelo Governo da *Grã Bretanha*. Nisto nós não faziamos mais, que arranhar de leve o inimigo, dando em nós mesmos hum grande golpe. Se nós entramos a prohibir exportações augmentaremos cada dia os nossos males.

Eis-aquí o resumo das opiniões em que a *Grã Bretanha* se divide sobre a questão das licenças. Alguns *Inglezes* dizem, que o *Morning Chronicle* he hum refinado *Bonapartista*, e que por isso advoga pela conservação das licenças. Outros dizem, que o *Times* se tem vendido ao partido contrario: escrevêo elles lá o que quizerem; e vamos nós por cá pensando o que nos parecer.

*Gazeta do Rio de Janeiro.*

O Principe Regente Nosso Senhor foi servido por Aviso da Secretaria dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra em data de 17 de Março do anno corrente mandar remeter á Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegação deste Estado do *Brazil*, e Dominios Ultramarinos a copia de hum Ordem do Conselho privado de Sua M. *Britanica* para intelligencia da mesma Real Junta, e para fazer constar sendo convier, na qual em Nome, e da parte de El-Rei do Reino Unido da *Grã Bretanha*, e *Irlanda*, foi proclamado o bloqueio da *Bahia Chesapeake*, e do *Rio Delaware* em os *Estados Unidos d'America*, e que desde então todas as medidas authorizadas pelo Direito das Gentes serão adoptadas, e postas em execução relativamente a quaesquer navios, que hajão de pertencer a violar o referido bloqueio.

*Idem.*

Foi Sua Alteza Real servido ordenar, que os Officiaes Generaes, Coronéis, e mais Officiaes inferiores, Cadetes, Soldados, e mais Empregados Civis do Exercito pacificador, que passou á Campanha de *Monte Video*, pelo demonstrado valor, e soffrimento, com que alli procederão, e por querer o mesmo Augusto Senhor d-lhes manifestas provas da sua Real satisfação; possão fazer, por distinctivo, sobre o braço direito hum medalha elliptica, que represente huma Oliveira á margem do *Uraguay*, com Corôa Real enlaçada por hum Dragão, Timbre da Casa de *Bragança*. Os Officiaes Generaes, douradas, os mais Officiaes, Cadeas, e Empregados Civis, de prata; os Officiaes inferiores e Soldados, de estanho; e que todos os individuos feridos na mesma campanha tenham, por maior distincção, na medalha hum furo no tronco da Oliveira, indicando hum cicatriz.

P. S. As ultimas noticias, que aqui temos da *Europa* são as seguintes. = A *Russia* longe de pretender tomar para si a *Polonia*, a tem declarado Reino independente; e os *Polacos* sentem a mais viva satisfação porque a *Russia* elegeo-lhes para Rei o Duque d'*Oldenbourg*. O Rei da *Prussia* levou muito a mal a conducta do General d'*Turk*, e faz todas as diligencias pelo apañhar, e punir.

*Wellington* prepara-se com o maior ardor para entrar em campanha com o Exercito Alliado; e os *Hespanhoes* tem reunido as suas guerrilhas para se ajuntar ao Exercito do *Lord*, e obrarem todos de concerto debaixo de hum só vontade. *Stult* ainda está em *Toledo*; *Suchet* em *Valencia*; e *José Bonaparte* em *Madrid*. *Bonaparte* ordenou, que se queimassem todos os papeis *Inglezes*, que fossem ás costas da *França*; elle anda agora muito amigo

do S. Padre, e tem com elle longas conferencias talvez para lhe pedir alguma consolação espiritual sobre as perdas materiaes, que elle teve na Rússia.

*Entrarão neste Porto as Embarcações seguintes.*

Em 16. Do Rio Real, Sumaca Boa União, Mestre Manoel Barbeza de S. Calisto, 2 dias de viagem, carga farinha, milho, açúcar, algodão, e sóla. Dono Manoel Joaquim da Silva Portela.

Em 16. Do Porto-Alegre, Bergantim Serpente, Mestre Miguel José de Freitas, 18 dias de viagem, carga 6700 arrobas de carne, 300 de cêbo, 1500 couros, e 8 caixões de vélas. Dono João da Silva Lisboa.

Em dito. Do dito Sumaca Coça, Mestre Francisco José Nunes, 22 dias de viagem, carga 4800 arrobas de carne, 180 de cêbo, e 820 couros. Dono José Antonio da Costa.

Em dito. Da Coringulba, Sumaca Monte do Carmo, Mestre Antonio José, 4 dias de viagem, carga sal. Dono Manoel Ignacio.

Em dito. Das Maurícias, Brigue Maximiano, Mestre Francisco de Melo, 65 dias de viagem, com huma arribada a S. Catharina, carga fazendas brancas, lonas, pimenta, e salitre. Dono Francisco José Lisboa.

Em dito. Das Alagoas, Sumaca N. S. Falcão, Mestre Francisco Gonçalves Anjo, 16 dias de viagem, carga açúcar, algodão, e madeira de construção de S. A. R. Dono Antonio Fermiano.

Em 17. Do Rio Grande, Sumaca Bomfim, Mestre João José de Azevedo, 23 dias de viagem, carga carne, cêbo, e couros. Dono Amaro José Ribeiro Braga.

Em 27. Da Coringulba, Sumaca Sacramento, Mestre e dono Pedro de Alcantara, 2 dias de viagem, carga sal.

Em 27. Da Serra Leão, Galea Esperança, Mestre Luiz Pereira Franco, 60 dias de viagem, em lastro.

*Embarcação que está a saber.*

Para o Rio Grande, a Sumaca S. Manuel Atlante, Mestre José Moreira Gomes. Dono Manoel José dos Santos, no 1.º de Maio.

**A V I S O S.**

Vendo-se a Sumaca Invencivel, surta defronte do Caes da real, por commoço do preço, e largo prazo; quem a pertender dirija-se a Joaquim da Costa Dourado; e o mesmo tem a vender algumas medalhas da Ordem de Christo; Avis, e S. Bento.

Hum negro moço de nação Angola, por nome José, de que ha noticia fôra com os Hespanboes para a Hespanha; huma cabra, rpariga, de nome Felismina, que constou andar pela Cidade, em varias cizas, e agora não he mais vista, pelo que suppoem-se iria para algum reconcavo; são escravos de José de Mattos Correia, morador na rua das Laranjeiras, quem lhos entregar receberá seu premio.

Com Permissão do Governo.

B A H I A: Na Typographia de Manoel Antonio da Silva Serya;